

A Mesa da Palavra explicada

Padre Albino Reis

Domingo XXXIII do Tempo Comum – VIII Dia Mundial dos Pobres

1ª leitura – Daniel 12,1-3

Salmo - Salmo 15 (16)

2ª leitura – Hebreus 10, 11-14.18

Evangelho - Marcos 13, 24-32

Celebramos hoje o penúltimo domingo do ano litúrgico, que terminará no próximo domingo com a festa de Cristo Rei do Universo. Todos os anos, neste penúltimo domingo, a Palavra de Deus convida-nos a levantar os olhos para os horizontes da história, renovando a nossa esperança no regresso do Senhor.

Ao mesmo tempo, com a celebração do Dia Mundial dos Pobres neste mesmo domingo, somos incentivados a reconhecer a presença de Cristo nos mais pobres e necessitados.

O trecho do Evangelho de hoje faz parte do capítulo 13 de São Marcos, inteiramente dedicado ao chamado discurso sobre o fim do mundo. O início do capítulo apresenta as circunstâncias deste discurso. Quando saíam do Templo, um dos discípulos chamou a atenção de Jesus para a grandiosidade das suas construções. O Templo, reconstruído por Herodes, o Grande, era realmente magnífico, uma das maravilhas da época. Jesus respondeu: “Vês estas grandes construções? Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.” Podemos imaginar o espanto e a perplexidade de todos. Esta profecia cumprir-se-á com a destruição da cidade no ano 70, pelos Romanos.

Enquanto estavam no Monte das Oliveiras, sentados em frente ao Templo, Pedro, Tiago, João e André, os primeiros discípulos chamados por Jesus, interrogaram-no em particular sobre quando e qual seria o sinal de que esta profecia estava para se cumprir. Jesus pronunciou então o chamado “discurso apocalíptico”, o ensino mais longo de Jesus no Evangelho de Marcos. Em conexão com a destruição do Templo e da cidade santa, Jesus fala sobre o fim do mundo e o seu retorno em glória. Esta ligação entre o fim da nação judaica e o retorno do Senhor levou os primeiros cristãos a pensar que o fim era iminente.

Para entender a mensagem do texto, é necessário considerar duas coisas. Em primeiro lugar, o texto é redigido no estilo chamado apocalíptico, difícil de entender para nós, devido à complexidade do seu simbolismo e aos cenários cósmicos, frequentemente esotéricos. No entanto, não se trata de uma profecia sobre o futuro, como se costuma pensar, mas da revelação do sentido dos eventos da história. Em segundo lugar, este género literário não tinha como objetivo assustar, mas sim oferecer conforto e esperança ao povo de Deus em tempos de tribulação e perseguição, anunciando a intervenção de Deus para libertar o seu povo. Poderíamos dizer que a literatura apocalíptica não fala do “fim” do mundo, mas do “sentido” do mundo, isto é, para onde caminha a História.

Uma coisa é certa: O fim deste mundo já começou! De facto, com a ressurreição de Cristo, inicia-se o processo da nova criação, dos novos céus e da nova terra, de um novo mundo, portanto. Outra coisa certa: O fim deste mundo é o objeto da nossa esperança. De facto, proclamamos isso no coração da Eucaristia: “Anunciamos a tua morte, Senhor, proclamamos a tua ressurreição, enquanto aguardamos a tua vinda.” Isso não significa desejar o “fim do mundo” ou uma “catástrofe apocalíptica”, e muito menos tentar adivinhar a hora da sua chegada através dos “sinais” de guerras, terremotos, fomes, perseguições, tribulações, abominações... É, antes um convite à confiança inabalável na providência divina e ao compromisso com a construção de um mundo novo, enquanto ainda peregrinamos neste mundo velho...

Artífices do fim deste mundo, os cristãos crescem na consciência da provisoriedade da vida e da História, comprometidos com a Palavra/Vontade de Deus na prática da Caridade, uma prática para a qual nos convida o Papa, neste VIII Dia Mundial dos Pobres: «um compromisso na agenda de cada comunidade eclesial”. O Papa desafia mesmo cada fiel a “escutar a oração dos pobres, tomando consciência da sua presença e das suas necessidades. É uma ocasião propícia para realizar iniciativas que ajudem concretamente os pobres, e também para reconhecer e

apoiar os numerosos voluntários que se dedicam com paixão aos mais necessitados”. A Razão? “...os pobres têm um lugar privilegiado no coração de Deus, que está atento e próximo de todos e cada um deles”, lembra Francisco.

Porque somos artífices, a nossa espera não é, portanto, passiva, mas activa, comprometida, difícil e exigente. Impõe-se, assim, uma pergunta: Estamos envolvidos na preparação da vinda do Reino? Como? A tarefa não é nada fácil.

Por onde começar? Por nós mesmos, acreditando na força do Amor que é capaz de transformar o Mundo.